

# **O *Auto da compadecida* e autotelismo literário: João Grilo e a reivindicação de si**

## **The *Auto da Compadecida* and literary autotelism: João Grilo and the claim of himself**

### **Everaldo dos Santos Almeida**

Doutorando em Educação na Universidade Lusófona (Lisboa/Portugal). Professor da Faculdade EDUFOR de São Luís (MA) e da Faculdade Pitágoras (São Luís-MA). E-mail: everawdo@gmail.com.

### **Roberto Max Louzeiro Pimentel**

Professor da Faculdade Pitágoras (São Luís-MA). Superintendente de Tecnologia de Informação – STI da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão. E-mail: betomax@gmail.com

**Resumo:** Em *Auto da Compadecida*, João Grilo é a grande encenação da peça na medida em que ele ocupa o lugar do discurso por meio do qual certas formas linguísticas e simbólicas incluem não só o dizível, mas também as formas de subjetividade que materializam o conhecimento e a identidade de si e do outro, segundo os muitos papéis que o sujeito desempenha na vida. O real é, pois, sobredeterminado pelo imaginário; nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos na realidade literária. O espaço literário faz, em um certo sentido, parte da sociedade, mas normalmente a enunciação literária desestabiliza um lugar dotado de um dentro e de um fora: os meios literários são fendas que não cessam de se abrir na sociedade. Dessa forma, João Grilo aciona em seu discurso, a (re)invenção de uma realidade engendrada por articulações só possíveis por suas experiências sociais, elaborando eficientes mecanismos de controle da realidade pela palavra quando ele transita sobre o discurso de si e do outro, des(constituindo) a realidade constantemente (re)criada. Os sujeitos são reféns de João Grilo, que os transformam em obra de arte argumentativa, na medida em que essas personagens são desveladas, trazendo seus discursos do subsolo, revelando, sobremaneira, um jogo de intenções. João Grilo articula seu pensamento como intervenção, como atuação sobre si e sobre os outros, pois o pensamento é, na sua essência, potência pura, isto é, intelecto possível e material.

**Palavras-chave:** Cultura. Argumentação. Discurso e subjetividade.

**Abstract:** In *Auto da Compadecida*, João Grilo is the great staging of the play insofar as it occupies the place of discourse whereby certain linguistic and symbolic forms include not only the sayable, but also the forms of subjectivity that materialize knowledge and identity of oneself and the other, according to the many roles that the subject plays in life. The real is, therefore, overdetermined by the imaginary; in it, subjects live relationships and representations regulated by systems that control and watch over the apparition of the senses in literary reality. Literary space does, in a certain sense, part of society, but usually the literary enunciation destabilizes a place endowed with an inside and an outside: literary means are cracks that never stop opening in society. In this way, João Grilo triggers in his discourse the (re) invention of a reality engendered by articulations only possible by his social experiences, elaborating effective mechanisms of control of reality by the word when he transits on the discourse of himself and the other, des (constituting) the constantly (re) created reality. The subjects are hostages of João Grilo, who transform them into an argumentative work of art, to the extent that these characters are unveiled, bringing their speeches from the basement, revealing, above all, a set of intentions. João Grilo articulates his thought as an intervention, as an action on himself and on others, for thought is, in its essence, pure power, that is, possible and material intellect.

**Keywords:** Culture. Argumentation. Discourse and subjectivity.

## Considerações iniciais

A palavra engendra, organiza e “arruma” nossa percepção sobre a realidade, dotando-a de sentido, explica as relações. É a busca pelo sentido como seres simbólicos que somos, e as palavras se encarregam de tornar tangível a realidade entre o homem e o mundo. O uso inautêntico da palavra compromete a estruturação do saber e, sem o saber, o homem não teria consciência, ficando à margem dos benefícios trazidos pelo conhecimento na (re)construção da realidade.

Nesse percurso, a análise deste trabalho convoca o jogo de palavra aplicado à linguagem literária como uma perspectiva em revelar verdades, quando interpreta ou traz à luz sentidos que até então estavam aprisionados. Evidentemente, precisamos refinar o entendimento do que seria “realidade”, mas, inicialmente, seria aquilo que se apresentaria como instrumento transformador, modificador de posturas. Na linguagem eu não sou um ser inscrito; eu tenho que me inscrever por ela (linguagem). A linguagem é a forma de simbolização. A partir que somos um ser de linguagem, nasce, concomitantemente, um problema. Dessa forma, abordar a língua(gem) em seu caráter dinâmico, vivo, de prática social, privilegia seu estudo em sua estreita forma de ação do homem sobre o mundo, e não, o estudo da língua, como um sistema de normas segundo o qual certas composições são possíveis de um ponto de vista formal, apenas.

Não se tem um fato linguístico senão na relação entre indivíduos socialmente organizados. A linguagem em sentido amplo é entendida como relação; como uma relação dialógica entre enunciados. O dialogismo está presente em todas as manifestações da linguagem, seja no discurso interior, no monólogo, na comunicação cotidiana ou em qualquer outra.

Na tentativa de desenvolver uma trajetória que mais se adequasse em como apresentar os eixos desta proposta de revisão bibliográfica, dividi o trabalho em duas principais abordagens. Primeiramente, apresentarei algumas considerações de Dominic Maingueneau, Derrida, Todorov, Agamben etc. sobre o espaço literário e suas idiossincrasias; em segundo e último plano, apresentarei algumas elucubrações sobre linguagem, língua, discurso, imaginário e sentido. Evidentemente que algumas considerações paralelas serão apresentadas na tentativa de cercar mais apropriadamente a perspectiva deste trabalho que é percorrer uma discussão sobre a linguagem literária e suas formas de atuação no texto e repercussão na leitura.

## O espaço literário e os fenômenos da linguagem

Para Maingueneau (2012, p. 44), a literatura não é apartada do mundo. Segundo o autor, não há uma separação em que “de um lado, um universo de coisas e atividades mudas e, de outro, representações literárias dele apartadas que sejam uma imagem sua”.

O crítico canadense Northrop Frye também pontua que a “realidade” é inspiração da criação literária. Para ele dificilmente se pode encontrar uma natureza, um princípio crítico mais elementar do que o fato de que os acontecimentos, os eventos de uma ficção literária não sejam ancorados na realidade, mas hipotéticos. Por alguma razão, segundo Frye (2013), jamais foi consistentemente compreendido que a criatividade, as ideias da literatura não são proposições reais, mas fórmulas verbais que imitam proposições reais. Vejamos agora o pensamento do francês Maingueneau ao dizer que,

[...] a literatura constitui uma atividade; ela não apenas mantém um discurso sobre o mundo, como produz sua própria presença nesse mundo. Em vez de relacionar as obras com instâncias bastante afastadas da literatura (classes sociais, mentalidades, eventos históricos, psicologia individual etc.), refletir em termos de discurso nos obriga a considerar o ambiente imediato do texto (seus ritos de escrita, seus suportes materiais, sua cena de enunciação...) (MAINGUENEAU 2012, p. 44).

O que é necessário, caso possível, para produzir enunciados como literário?

Para Maingueneau (2012), a literatura, assim como todo discurso constituinte, pode ser metaforicamente comparada a uma teia (rede) de lugares na sociedade, mas não pode se limitar, se encerrar verdadeiramente a nenhum território. O pertencimento ao campo literário não é, fundamentalmente, ausência de todo lugar, mas uma negociação entre o lugar e o não lugar, um pertencimento transitório, parasitário que se alimenta de sua inclusão impossível. “O céu não tem lugar, nem, portanto, pode mudar de lugar. As partes do céu, porém, das quais uma abraça a outra, ocupam lugar; devem, portanto, mudar, enquanto o céu circunvolve” (BERGSON, 2013, p. 137). Ao se tratar de uma criação literária, certas metáforas topográficas como as de “campo”, ou “espaço” só têm legitimidade entre aspas. “Por conseguinte, só podemos nos representar o lugar em si por metáforas”, como aponta (DERRIDA, 2015, p. 135). Avançando neste campo, temos como Todorov (2014) se posiciona.

[...] um Nietzsche ou seus descendentes contemporâneos dirão que não há sentido próprio, que tudo é metáfora – só há diferenças de grau, não de natureza. As pala-

bras jamais capturam a essência das coisas, só as evocam indiretamente. Entretanto, se tudo é metáfora, nada o é. [...] é a recusa da especificidade, e, portanto, da existência, do simbolismo linguístico. A geometria da significação é reduzida, cá e lá, a uma única dimensão (TODOROV, 2014, p. 17)

Imaginemos agora que na proposição ‘os animais serão recompensados’, o termo ‘animais’ seja utilizado de forma metafórica para designar, por exemplo, os humildes de espírito. A palavra ‘animal’ evocará, por um lado, diretamente, o sentido de *animal*; por outro, indiretamente, o de *pobre de espírito*. Um único significante nos induzirá, novamente, ao conhecimento de dois significados.

O simbolismo linguístico define-se por meio desse transbordamento de significante pelo significado, portanto, estamos em presença de dois exemplos do funcionamento do simbólico da linguagem. (TODOROV, 2014, p. 36).

Em Derrida, o conceito de metáfora é revisto, pois o nome é apenas uma metáfora, o que põe em causa seu conceito tradicional, assim como o caráter filosófico da conceitualidade em geral. Para Derrida, qualquer metáfora só ganha sentido quando é relacionada quando está inserida à uma rede de signos, com os quais os textos da desconstrução trabalham permanentemente (NASCIMENTO, 2015).

A metáfora da escrita como lida por Derrida não procura configurar um todo que corresponde ao conceito fundamental de inconsciente. O recurso a um tal conceito é marcado de imediato pelo sistema de oposições metafísicas entre a consciência e a inconsciência, a superfície e a profundidade, a visibilidade e a invisibilidade, a presença e a ausência etc. (NASCIMENTO, 2015, p. 183).

Evidentemente que o espaço literário faz, em um certo sentido, parte da sociedade, mas normalmente a enunciação literária desestabiliza um lugar dotado de um dentro e de um fora: os meios literários são fendas que não cessam de se abrir na sociedade. De posse desse deslocamento, nos perguntamos, se possível, como João Grilo assume/cria um lugar para a partir dele explorar as cisões expostas na/pela sociedade?

Talvez por isso que a limitada dimensão tangível, corpórea na literatura nos autorize a sobrepujar a noção de materialidade em detrimento da dimensão metafísica da liberdade criadora, sempre ápta a nos abduzir, conduzindo-nos a tempos e lugares inéditos.

Foi por isso que Fernand Braudel conceituou a noção de múltiplos tempos: curta, média, longa e longínqua duração, afinal, somente na dimensão espaço temporal podemos enfim sentirmo-nos eternos, impávidos, colossais. Se não podemos domar o tempo, nem estarmos em todos os lugares ao mesmo tempo, deixemos que a

literatura nos leve a todos os espaços ao mesmo tempo (BORRALHO, 2017, p. 200).

É o discurso que se impõe ao enunciador? Ou é o enunciador que se impõe ao discurso? Sobre a questão da língua literária, Maingueneau (2012) registrou que foi a partir do início do século XIX, a estética dominante passou a ver no “estilo” não um registro de língua, mas a expressão de uma subjetividade absoluta. E é no continente da linguagem, na expansão irrefreável do jogo discursivo e da palavra que o espaço literário empossa João Grilo e sua metamorfose linguística a serviço de armar e desarmar laços.

## Estrutura de linguagem

A linguagem é um fenômeno metafísico. Para Benjamin, em sua teoria natural da linguagem, a língua das coisas e a língua dos homens são distintas. Todas as coisas, animais ou inanimadas, possuem uma linguagem que não é expressa pela língua, mas na língua. A correspondência às coisas não é feita de maneira aleatória, ou seja, não podemos corresponder causalmente a palavra à coisa. Para Benjamin, as palavras não se ligam espontaneamente (acidentalmente) às coisas (BENJAMIN, 2013).

Para Benjamin (2013) em *Escritos sobre mito e linguagem*, se a comunicação detém um poder metafísico possui conteúdo espiritual. Assim, a comunicação pela palavra é um atributo da comunicação da linguagem humana, cuja abrangência atinge todos os tipos de língua. A linguagem espiritual atingiria a essência, o pensamento.

A filosofia da linguagem fundamenta-se na proposição que representa estado de coisa, uma vez que a noção de linguagem anteriormente hermetizada ora às regras de um determinado código, ora enclausurada às construções de valor de verdade, cambia-se, inclinando-se para os jogos de linguagem.

Como linguagem, a escritura é apresentada como “o mais nobre jogo” (DERRIDA, 2015, p. 11). O ato de referir, a partir desta visão, passa a ser somente uma entre as várias configurações da linguagem. No entanto, é sabido que o processo não é tão simples assim. Obviamente, os cenários linguísticos precisam ser, ou estar adaptados, contextualizados, pois a significação precisa ser precisa, certa. Sabe-se, também, que há fortes constituintes para que a linguagem possa adquirir, não um sentido depurado, mas ambíguo, impreciso, distante, talvez, daquilo que se queira comunicar. Com isso, chega-se a uma análise: a linguagem e sua sofisticação não estão limitadas apenas em nomear coisas ou descrever estado de coisa; ela não

possui uma única gramática nem muito menos uma única estrutura. A linguagem, ao que sugere, não pode ser acondicionada em reservatórios; é incomensurável.

Para o domínio mais específico das abordagens da abordagem, outras visões exercem coautoria para discutirmos os fenômenos literários revelados neste trabalho. Entretanto, as perspectivas abaixo relacionadas não fornecerão o arcabouço fundamental para ancorar a delimitação desta proposta de trabalho, mas influências de suas ideias serão consideradas, a saber:

a) a teoria da recepção (voltada para relação entre a obra e o horizonte da expectativa que estrutura todos os tipos de pressupostos que estruturam as práticas de leitura); b) as atividades de leitura, estipuladas por composições entre os processos cognitivos, que permitam evidenciar que as atividades de leitura estariam longe de ser uma simples decifração de signos, mas chama a cooperação do leitor para legitimação do sentido; c) podemos ainda incluir a reflexão sobre a intertextualidade, o que faz eco ao dialogismo bakhtiniano por considerar o interdiscurso sobre o discurso, considerando-se as obras como resultado de um trabalho no interdiscurso, o que desestabilizaria as representações usuais na “interioridade” obras, o que comunga com os postulados de Michel Foucault ao fundamentar o discurso não como domínio organizacional presente à dominação semântica, mas sim às práticas discursivas. “O sentido’ é o sentido interno da obra, que inclui tanto o sentido direto quanto o indireto [...], enquanto a ‘significância’ resulta da inclusão da obra em outro contexto”, como acrescenta Todorov (2014, p. 25). Em *Crítica da crítica*, Todorov (2015) expande o sentido da obra também como uma construção a partir do leitor ao dizer que “o contexto da obra literária é a literatura; no julgamento de valor, esse contexto é a experiência do leitor” Todorov (2015, p. 147).

Estas perspectivas se recusam a conceber a obra literária como um universo fechado, o que também não foi sequer aludido pelas breves e rasas considerações neste trabalho. Mas, inegavelmente, são correntes que tentam cercar o objeto literário na tentativa de entender como as obras desta natureza são um conglomerado de riquezas interpretativas e, muitas delas, inesgotáveis, já que tantas outras áreas do conhecimento são chamadas a apresentar suas “explicações” para fenômenos sociais. “A obra atrai aquele que se lhe consagra para o ponto em que ela é a prova de sua impossibilidade” (Blanchot, 2011, p. 89). A esse respeito, podemos refletir sobre o ato de “compreender e explicar uma obra é uma verdadeira reprodução ou reconstrução do já construído. Os tipos de discurso, ou escolha entre todas as possibilidades oferecidas à produção textual, têm seu pendant nas estratégias interpretativas, ou maneiras de ler, codificadas pelas diferentes escolas exegeticas (TODOROV, 2014, p. 23).

## Fato literário, linguagem e discurso

O recurso linguístico nos estudos literários não é mero uso de ferramentas elementares de organização cartesiana; a linguística (a linguagem, o discurso) constitui um verdadeiro instrumento de investigação. Em vez de se validar mediante noções comumente estruturais, o percurso inicial desta investigação pretende verdadeiramente se imbuir de atividades não por uma intelecção sutil do texto, mas por uma noção de linguagem como forma de ação.

O fato literário se interessa diretamente pelo discurso como elemento interativo e a manifestação mais evidente dessa interatividade é a conversação, responsável pelos parceiros se vincularem à conversação como resultado de intervenções, mas nem todo discurso está vinculado à conversação, e a literatura é um “espaço” que evidencia essa realidade (Maingueneau, 2012).

O discurso é orientado. Isso implica não apenas porque ele é uma realização de acordo com uma intenção do locutor, mas também porque ele é concebido no tempo, estruturado, constituído.

O discurso é contextualizado. Só há discurso contextualizado. A reflexão sobre as formas de subjetividade pela enunciação é um dos grandes eixos da análise de discurso. O discurso, como já apresentamos no percurso teórico deste trabalho, é uma inequívoca remissão (não necessariamente textual: oral ou escrito), uma referência de pessoa, tempo e espaço.

Nas palavras de Agamben (2013b), a linguagem vai ter assim suas relações:

Aquilo que o condenado, em silêncio, compreende finalmente, na sua última hora, é o sentido da linguagem. Os homens, poder-se-ia dizer, vivem a sua existência de seres falantes sem entenderem o sentido da linguagem; mas para cada um deles trata-se de uma sexta hora na qual até o mais estúpido vê a razão abrir-se. Naturalmente, não se trata da compreensão de um sentido lógico, que também poderia ser lido com os olhos; trata-se de um sentido mais profundo, que não pode ser reciclado a não ser através das feridas, e que só é atribuível à linguagem enquanto punição (é por isso que o domínio da lógica é o do juízo: de fato, o juízo lógico é uma sentença, uma *condenação*). Compreender esse sentido e medir a culpa própria é um trabalho difícil: e só depois de concluído esse trabalho se pode dizer que foi feita justiça. (AGAMBEN, 2013b, p. 114)

Isso sugere que João Grilo não (des)constrói um discurso à revelia, mas aponta, sempre, uma resposta, parece (re)qualificar o texto (ou discurso) como uma abordagem desafiadora cujas repostas seriam notoriamente “farejadas”, endereçadas

segundo uma teia de relações. “[...] próprio texto nos indica sua natureza simbólica, que ele possua uma séria de propriedades observáveis e incontestáveis, pelas quais nos induz à leitura particular que é a ‘interpretação’, como aponta Todorov (2014, p. 22).

O discurso só é considerado no âmbito interdiscursivo, ou seja, só assume um papel/sentido no interior de um universo de outros discursos através do qual deve abrir um sentido. Em que momento, em que lugar o discurso estabelece seu direito ao sentido, à existência, de justificar o que talvez seja injustificável? De onde procede o discurso?

### **Autotelismo literário em o *Auto da Compadecida*: João Grilo por si mesmo**

O *Auto da Compadecida* é uma clássica peça do teatro brasileiro cujas temáticas são temas universais como a avareza humana e suas consequências. Ariano Villar Suassuna utilizou personagens do povo para discutir certos desfechos moralizantes pensados a partir dos dogmas (preceitos) do cristianismo católico. O *Auto da Compadecida* apresenta a visão cristã da vida não como algo naturalmente complexo e formal, mas como algo simples. Essa simplicidade não pode ser interpretada como algo isento de críticas. A relação entre Deus e os homens é mostrada com uma certa leveza e inteligência. A vida e a misericórdia parecem aspectos balizares na lógica pensada pela obra.

Por esse aspecto, Ariano Villar Suassuna sugere que o homem sofrido e desprotegido do sertão deve ser anistiado, perdoado de seus pecados. A histórica dificuldade desse homem do sertão parece ser um grande e implícito argumento suscitado pelo autor para que esse homem sofrido seja perdoado, por experimentar das inúmeras dificuldades: o clima, a desigualdade social, a sacrificada e sempre ameaçada subsistência. Ariano Villar Suassuna deixa subjazer em sua construção de que o sofrimento pelo qual este homem passa em vida já é uma penitência suficientemente forte capaz de reclamar a absolvição dos pecados deste homem; a cotidianidade sempre tão exigente faz da luta pela sobrevivência algo heroico, épico, quase um argumento capaz de livrar o homem do sofrimento da alma.

O sertão, na perspectiva literária da obra, é um deserto ameaçador, sem face, quase um território de anônimos, um cenário estéril onde sobram fatalidades e falta fertilidade. É um chão de religiosidade, do acaso. As ameaças sempre presentes, se escondem sornateiramente, desafiando a sobrevivência do homem. Mesmo assim o povo é dotado de fé, embora seja convocado a sucumbir em detrimento da seca, da

fome. Lutar pela vida é uma habilidade deste povo, sempre alimentado pela esperança, que não se cansa de ser aclamada pelos gritos de dor e sofrimento.

Assim, surge João Grilo. Um autêntico representante dos pobres, dos desfavorecidos, esquecidos, aqueles que foram deixados à beira do barranco, como se fosse uma falésia ameaçada de desmoronamento por causa das incessantes ondas que batem na base do morro. João Grilo não é uma caricatura, um retrato. É uma imagem onipresente no sertão. É um típico nordestino da localidade que só dispõe do improviso, da inteligência e das palavras como defesa do pobre para conseguir sobreviver. Em João Grilo a astúcia veio acompanhada de esperteza, de lábia, de inteligência.

João Grilo parecia conhecer o funcionamento pragmático da vida social, e sabia operar com isso. O lugar das experiências, das vivências e da sobrevivência, da observação, de saber como instituições sociais agiam, sugerem ter dado a João Grilo muito mais que experiência, mas poder de manipular a realidade. Era dessa forma que ele se posicionava e atuava socialmente ao agir. João Grilo, verdadeiramente, se mostrava, se revelava, se tornava explícito ao atuar sobre os outros e sobre si no momento em que suas artimanhas ancoravam suas soluções espelhadas no que ocorria explícita e implicitamente na sociedade. Ele não apenas agia sobre os outros, agia sobre si, sobre sua natureza, sobre sua história, sua cultura.

Tentar conceituar o homem é uma tarefa tão árdua e vã quanto tentar aprisionar o vento, dando-lhe uma única forma, ou tentar dar uma única forma à água, sempre tão silenciosa e indomável. Da mesma maneira, é tentar quantificar as facetas humanas que se é capaz de ter, sem presumir sua incalculável capacidade de (re) transformação que está em sua sempre disponível natureza metamórfica.

João Grilo não é uma figura ambivalente e aleatória. É uma figura que representa muitas em boa parte do Nordeste brasileiro. Sabido, mas analfabeto. Tem a miséria como companhia, trabalha em uma padaria, vive sem conforto algum. Lutar por sua sobrevivência é algo que orbita em sua existência. Chicó é o fiel companheiro de João Grilo e é também seu diálogo, seu fluxo de ideias, de estratégias, seu grande parceiro, seu amigo leal.

João Grilo também era uma mistura humana entre o “divino” e o “satânico”, uma figura paradoxal, controversa. Ora legitimava atos nobres, ora era dominado por desejos, pensamentos e planos atrozes. Não que sua natureza fosse malévola, mas ela se agigantava em contextos próprios. Um deles era o desejo de vingança que chegava a governar sua existência.

Em uma passagem que narra como João Grilo se dirige ao Sacristão é um flagrante em que as palavras, a desenvoltura de João em organizar uma elaboração

linguística, a força e como o do dizível é engendrado, minuciosa e racionalmente pensado, marca um certo poder da atuação da linguagem sobre “o outro”. João Grilo era um ser que escapava aos olhos de vigilância, de observação, quase um ser invisível. Só era “visto” quando sua atuação rendia grandes surpresas, desdobramentos que pareciam inatingíveis. Em certa passagem, João dessacraliza o Sacristão ao compará-lo ao Diabo.

Em o *Auto da Compadecida*, João Grilo ganha destaque exatamente por suas atuações. É curioso a forma com que ele age sobre o mundo, manobrando-o segundo contextos desafiadores, sobre os quais, nada parece triunfar sobre sua genialidade em resolver situações literalmente que o colocam, por exemplo, em situações de vida ou morte. O que aciona a potência em João Grilo é algo que pretendemos discutir ao longo das perspectivas que encontramos na órbita da obra. Não tem a função de enquadrar explicações precisas ou respostas, mas sim de abrir vieses de questionamentos, construindo ideias a partir da obra e de suas questões.

João Grilo parece ocupar vários lugares: o de sua forma de atuar sobre os outros (potência) em vários contextos, locais, de movimento, de deslocamento, um trânsito entre os vários lugares literalmente percorridos por João Grilo em sua saga de defender sua vida e sua sobrevivência, inclusive no julgamento. Mas parece que um lugar reivindicado por João Grilo é o lugar ocupado pela linguagem, nas formas de atuação e superação das adversidades, uma potência natural herdada e amadurecida pela dureza da vida e de suas adversidades. Neste momento, convidamos Agamben para apresentar a potência em Aristóteles ao dizer que:

Toda potência é impotência do mesmo e em relação ao mesmo [do qual é potência; tou autou kai kata to auto passa dynamis adynamia]. Adynamia, ‘impotência’, não significa aqui ausência de toda potência, mas potência de não (passar ao ato), dynamis me energein. A tese define, assim, a ambivalência específica de toda potência humana, que, em sua estrutura originária, mantém-se em relação com sua privação, é sempre - e em relação à mesma coisa - potência de ser e de não ser, de fazer e de não fazer. É essa relação que constitui, para Aristóteles, a essência da potência. O vivente, que existe no modo da potência, pode sua própria potência, e só desse modo possuiu sua potencia. (AGAMBEN, 2015, p. 249).

Não queremos, e não o faremos, dizer que João Grilo era um ser cuja potência era inabalável. Sua própria condição humana, como aponta Agamben, já lhe situava natural e evidentemente em contextos de vulnerabilidade. O que pretendemos é exatamente apresentar um percurso por meio do qual João Grilo era uma ser ambivalente, regido pelo medo, pelo improvisado, pela pulsão e impulsos, pela certeza e segurança; mas também era um sujeito que afogava seus temores por meio de seus

ímpetos.

No nosso entendimento, este trabalho se apresenta como uma forma de demonstração que descreve uma visão a partir da qual é possível entendermos uma das facetas da vida social, sobretudo aquela que é regida por uma que pode estar mascarada, encoberta por razões múltiplas. Nesse sentido, João Grilo é uma dessas representações. Não é nosso interesse sabermos quem ele é, mas o é discutirmos como ele funciona socialmente, como ele constrói suas articulações sociais. Evidentemente, a perspectiva empregada neste estudo é a da representação teatral a partir do *Auto da Compadecida* e de como esta obra propicia a criação de um cenário por meio do qual as imagens sociais são (des)mascaradas, pois o próprio João Grilo orbita entre aquele que parece reproduzir os discursos dos outros quando lhe julgamos “fraco” e entre a própria certeza e verdade de si quando ele se apresenta como o “salvador” em situações ameaçadoras. Esse é João Grilo e seu possível (des)encobrimento a partir do discurso e suas relações; e nesse percurso Antônio Candido diz que:

A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados. Ela exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo (CANDIDO, 2006, p. 53)

João Grilo apresenta uma performance social destacável para quem tem pouca, ou nenhuma, formação capaz de lhe garantir poder se inscrever socialmente, reivindicando mais equidade, já que a sociedade à sua volta classifica seus integrantes a partir de seus instrumentos de poder, de conhecimento, o que, para muitos, seriam instrumentos de dominação e controle. Por esta razão, não é tarefa simples tentar explicar como João Grilo se constitui de uma capacidade em encontrar saídas para inúmeros desafios que lhe são incessantemente apresentados. De onde viria a natureza evidentemente perspicaz de João Grilo? Indiscutivelmente, João Grilo não pode ser entendido por qualidades cartesianas no sentido do peso da objetividade ao ponto de se descartar sua natureza sensível, a intangibilidade da linguagem nos contextos relacionais vividos por João Grilo, pois “Platão teve a ideia de explicar o ser por princípios múltiplos e princípios de uma natureza inteiramente outra que a dos objetos sensíveis” (BERGSON, 2005, p. 118).

A expressividade do indivíduo, ou seja, sua capacidade de impressionar, dar impressão, sugere envolver duas diferentes faculdades de atividade significativa: a expressão transmitida por ele (o indivíduo) e a expressão emitida pelo indivíduo. Considerando os aspectos de linguagem, de comunicação, o indivíduo transmite intencionalmente informação falsa por meio desses dois tipos de atividades signifi-

cativas, sendo que a primeira implica em fraude, e a segunda dissimulação (GOF-FMAN, 2014).

E uma das marcas da expressividade de João Grilo se baseava nessa condição. Apresenta uma faculdade cortante em envolver as pessoas por meio das armadilhas da linguagem, uma engenharia linguística de efeito, uma retórica. Um discurso persuasivo, convincente, capaz de agir sobre a composição psicológica de seu interlocutor. João Grilo demonstra um certo desinteresse nas coisas, mas por trás dessa aparência estava uma *máquina* capaz de gerar sinapses intransponíveis. Frye (2013) apresenta dois tipos de retórica: a ornamental e a persuasiva. Podemos dizer que João Grilo detinha o *logos* de ambas. Isso pode ser constatado nas interações que João teve com Severino ao convencê-lo ser morto no intuito de ver Padim Padre Cícero, tendo com ele uma conversa. Logo depois a gaita seria tocada, ressuscitando-o, coisa que evidentemente não aconteceu. Da mesma forma capturou a mulher do dono da padaria em comprar um gato que descomia dinheiro, atingindo sua fraqueza existencial que era bicho e dinheiro, por exemplo. No momento do julgamento final foi que sua grande retórica foi vista em seu vasto e definitivo potencial.

A retórica, desde o início, significou duas coisas: discurso ornamental e discurso persuasivo. Essas duas coisas parecem psicologicamente opostas uma à outra, como o desejo por ornamento é essencialmente desinteressado, e o desejo de persuadir essencialmente o oposto. De fato, a retórica ornamental é inseparável da literatura, ou o que chamamos de estrutura verbal hipotética, cuja existência é autojustificada. A retórica persuasiva é literatura aplicada, ou o uso da arte literária para reforçar o poder de argumentar. A retórica ornamental atua sobre seus ouvintes estaticamente, levando-os a admirar sua própria beleza ou engenho; a retórica persuasiva procura leva-los cineticamente a um percurso de ação. Uma articula a emoção, a outra a manipula (FRYE, 2013, p. 392).

A linearidade do discurso costuma ser revelada mediante um jogo de deslocamentos na linha temporal (antecipação ou retorno – analepse – da parte do locutor) que se consubstancia por meio de um verdadeiro “direcionamento” de sua fala (locutor). O lugar de parte da fala de João Grilo parece ser nutrido por uma vitimização por parte daqueles que teriam condições de mudar seu estado/condição social. “Em todo caso, o que está em questão são evidentemente palavras, cujo poder significativo pode ser reconhecido e pode vir à fala (GADAMER, 2012, p. 520).

A linguagem é um fenômeno metafísico. Para Benjamin, em sua teoria natural da linguagem, a língua das coisas e a língua dos homens são distintas. Todas as coisas, animais ou inanimadas, possuem uma linguagem que não é expressa pela língua, mas na língua. A correspondência às coisas não é feita de maneira aleatória,

ou seja, não podemos corresponder causalmente a palavra à coisa. Para Benjamin, as palavras não se ligam espontaneamente (acidentalmente) às coisas (BENJAMIN, 2013).

Para Benjamin (2013) em *Escritos sobre mito e linguagem*, se a comunicação detém um poder metafísico possui conteúdo espiritual. Assim, a comunicação pela palavra é um atributo da comunicação da linguagem humana, cuja abrangência atinge todos os tipos de língua. A linguagem espiritual atingiria a essência, o pensamento. O próprio Manuel, ao repreender o comportamento do Bispo na hora do julgamento, perguntou-se com que “direito tem você de repreender João porque falou comigo com certa intimidade? João foi um pobre em vida e provou sua sinceridade exibindo seu pensamento” (SUASSUNA, 2015, p. 138-139). A intimidade da qual Manuel se refere é pelo fato de João Grilo pensar que Manuel “era muito menos queimado” (SUASSUNA, 2015, p. 138).

João Grilo era muito pragmaticamente metamórfico. Em cada situação era possível que ele assumisse papéis distintos e surpreendentes. João conseguia operar satisfatória e maleavelmente nos mais diversos e adversos contextos. Nada parecia paralisá-lo e, mesmo quando isso acontecia, ele criava saídas e escapava ileso às ameaças. Como ele conseguia ter tanta desenvoltura é algo que lança uma reflexão. Como João Grilo operava certas formas de discurso? Como podemos entender João Grilo mesmo como analfabeto maquinando complexas situações as quais seriam mais próprias daqueles que passaram pelos requintes formais de aquisição e desenvolvimento de habilidades cognitivas? Como aponta Adorno ao dizer que “[...] a fácil docilidad del curso de los pensamientos del ensayista le obliga a uma intensidad mayor que la del pensamiento discursivo, porque el ensayo no procede, como éste, ciega y automatizadamente, sino que en cada momento tieque que reflejarse sobre sí mismo.” (ADORNO, 1962, p. 35).

A segurança de João Grilo é algo que chama atenção nessa arena discursiva. João Grilo não aceita que “difícil” seja algo “sem jeito”. Sua intenção em resolver ou em “dar um jeito” é evidente. Até mesmo a iminente condenação não assusta João Grilo, chegando a chama-la de “qualquer coisinha”. E sobre o temor paralisando que a suposta e ameaçadora condenação causa nos outros envolvidos no julgamento, João Grilo os qualifica de “pamonhas” em uma referência à sua fragilidade. Em seguida, João Grilo reitera a ideia de seu passado sofrido de fome. Feita a repreensão ao comportamento covarde dos outros envolvidos pela ameaça, João, como se tivesse uma certeza de que iria conseguir atingir seu objetivo ainda pergunta ao Padre João: “Quer ver eu dar um jeito nisso”? A mulher do padre finaliza a opinião em unísono dizendo a João que “nossa esperança é você” (SUASSUNA, 2015, p. 155).

João Grilo mais uma vez materializa a ideia que faz de si próprio dizendo que “de besta só tem a cara”, que seu “triunfo é maior do que qualquer santo”, referindo-se à “mãe da justiça”, sempre tão justa e correta, respeitando a igualdade de todos os cidadãos, mantenedora da ordem social através da preservação dos direitos em sua forma legal. Mas quem foi convocada foi a misericórdia, cheia de sentimentos e solidariedade com relação àqueles que sofrem, caídos em desgraça. A misericórdia é uma compaixão, piedade.

Seriam as ações de João Grilo algo natural, um modo de ação da natureza, algo espontâneo, isento de cientificidade? Ou seria resultado do trabalho do homem? Teriam as causas alguma responsabilidade sobre a constituição de João Grilo? Ou seja, ele seria resultado das causas ou da sua própria natureza?

O que fica no subsolo dessa questão é se efetivamente João Grilo traça sua trajetória de vida voltada para realizar tal desejo. Também parece chamar a atenção o fato de ele já ser “acostumado” com as mazelas sociais que tanto lhe atingem. Como ele organiza seu mundo de carências e privações é algo também que merece uma reflexão. O que a comida representa para João Grilo (verificar o fato de ele roer o pão da padaria onde ele trabalhava) é algo que parece ser muito delicado em sua relação com a vida. Evidentemente, comida é alimento que mantém o corpo firme, mas João Grilo parece dedicar à comida um poder que transcenderia o vigor físico. A comida poderia estar em seu imaginário superior a partir do qual resumiria a maior de todas as importâncias. O certo é que as mágoas de João Grilo causadas por causa de tantos impedimentos lhe renderam muita dor. Os trechos a seguir fazem marcar uma trajetória de privações de toda sorte de restrições: do copo d’água, falta de dinheiro, comida e morte.

João Grilo parece não falar de apenas um lugar, mas de lugares instáveis, múltiplos, uma mobilidade mutante no que se refere ao discurso. Em cada situação, João Grilo apresenta uma identidade que parece até escapar a si mesmo. Ele sugere não se reconhecer dada sua maleabilidade com situações sempre iminentes, o que lhe exige uma desenvoltura em triunfar sobre eles; e sempre da mesma forma: usando as armadilhas famintas e invisíveis da linguagem.

## Considerações finais

O *Auto da Compadecida* enquadra a linguagem como algo em que ninguém é inscrito, mas todos temos que ser inscritos por ela (a linguagem). A linguagem é a forma de simbolização. A partir que somos um ser de linguagem, nasce, concomitantemente, um problema. Dessa forma, a linguagem como prática social, é

apresentada pelo *Auto da Compadecida* como algo privilegiado, tendo estreita forma de ação do homem sobre o mundo, e não, o estudo da língua, como um sistema de normas segundo o qual certas composições são possíveis de um ponto de vista formal, apenas. Esta obra como fato literário, apresenta o discurso literário como uma linguagem praticada, realizada e que ganha contornos nas realizações. Foi isso que João Grilo, sobremaneira, fez; a obra apresenta uma linguagem que se dirige a alguém, que é suscitada por algo, que tem uma finalidade, que ocorre numa situação social concreta, constituindo, assim, a língua pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio das enunciações.

Se a obra deve gerenciar entre aquilo que diz e o próprio fato de poder dizê-lo, deve ela revelar um certo mundo e justificar o fato de que esse mundo é coerente com o quadro da enunciação que o mostra dessa maneira. O espaço literário proposto pela obra mostra que o discurso não é uma elaboração sem propósito, mas é uma construção intertextual com finalidades e sentidos definidos. O dizer, portanto, é uma teia de articulações lançadas com finalidades nem sempre claras, mas a intenção existe e pode estar mascarada em múltiplas facetas, todas com formas específicas, sempre prontas a atingir seus objetivos.

Afastemos a suposta ideia reducionista de que a obra é limitada a uma engenhosa organização de temas. É preciso que avaliemos de que modo o autor constitui, quase num esquema jurídico, a cena que confere sentido ao mundo. Talvez o elemento quase jurídico da persona de João Grilo seja inverso: é o rebento que conduzirá o reequilíbrio das coisas, segundo sua solidão acompanhada não de lágrimas, mas de vigor e determinação, até mesmo nas mais lúgubres sombras, sempre o convidando ao fracasso, à resignação, ao silêncio e ao fracasso, à morte. Esse era o sentido esperado, quase certo como após uma sentença por causa de um crime, mas todas as brechas foram cimentadas e sepultadas.

O *Auto da Compadecida* provavelmente soubesse que ao pensar suas personagens, eles não fossem reais, em certos aspectos, ou também não tivessem as consequências reais que a personagem João Grilo fosse inteiramente inventada, executada por um trapaceiro. Mas a intenção da obra supostamente tenha sido apresentar pessoas, que na vida diária, mantêm suas situações sociais (reais) mediadas pela linguagem. Esta, com sua capacidade de nos ligar à realidade, à verdade e à vida.

Esta proposta quis operar com as modalidades de existência dos discursos, pensando como eles circulam, se instauram no corpo social, como esses discursos atribuem este e não aquele valor seja de verdade, realidade ou ideologia, de que modo as diferentes culturas e grupos se apropriam, e destacadamente como se dão as rupturas, os deslocamentos, as subversões das práticas sociais nas coisas ditas. É

o discurso como prática, realização, acontecimento.

Por fim, mas não encerrando a teia de debates propiciada pelo *Auto da Compadecida*, este estudo pode deparar-se no campo da ilusão, do inalcançável em afirmar que identificamos quem eram aqueles que estavam por trás das palavras, da ideia silenciosa, da declaração que não era declaração, mas sim uma fachada, uma máscara, uma imagem, um espectro, talvez um reflexo opaco em um espelho jogado no canto de um palco, quase transparente, meio invisível. Tudo isso, supostamente, seja aquele a quem insistimos chamar João Grilo, um *João, um Ninguém*, que poderia ser um “Zé” ou talvez um *quase nada* monossílabo, que de tanta pequenez poderia se camuflar entre os grãos de areia, quiçá no pó, misturado, sumido, um átomo. Mas a pequena partícula se agigantou, rompeu as barreiras mais duras, mais difíceis, mais intransponíveis, as correntes mais grossas: a luta por um espaço, que lhe foi dado pela literatura e toda a sua verdade e imponência. Esse foi seu trono e sua glória.

## Referências

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura*. Trad. Manuel Sacristán. España: Ediciones Ariel, 1962.

AGAMBEN, Giorgio. (2015). *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Trad. António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. 2 ed. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2013.

BERGSON, Henri. *Cursos sobre a filosofia grega*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *O que Aristóteles pensou sobre o lugar*. Trad. Anna Lia A. de Almeida Prado. São Paulo: Unicamp, 2013.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BORRALHO, Henrique. *Versura: ensaios (2011-2017)*. São Luís: Ed. UEMA; Café & Lápis, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: 2015)

FRYE, Northrop. (2013). *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações.

GADAMER, Hans-Georg. *Hegel – Husserl – Heidegger*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, 2012.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 20 ed. Rio de Janeiro, 2014.

MAINGUENEAU, Dominic. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 3 ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *Simbolismo e interpretação*. Trad. Nícia Adan Bonatti. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2014.

\_\_\_\_\_. *Crítica da crítica: um romance de aprendizagem*. Trad. Maria Angélica Deâgeli, Norma Wimmer. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

*Artigo recebido em 31/05/2019, aprovado em 17/07/2019.*